

ALFABETIZAÇÃO DE ALUNOS COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA (TEA) LITERACY OF STUDENTS WITH AUTISTIC SPECTRUM DISORDER (ASD)

Vera Lúcia Badia Anderle ¹

RESUMO

O presente artigo relata sobre experiências de aprendizagens significativas, em especial como alfabetizar uma criança autista. O autismo é considerado um atraso de desenvolvimento que envolve vários sintomas. Esse transtorno compromete todo o desenvolvimento psiconeurológico e prolonga-se por toda vida, evoluindo com a idade. Esta alteração afeta a capacidade da pessoa comunicar-se, estabelecer relacionamentos e responder apropriadamente ao ambiente em que convive, é incapacitante e aparece nos três primeiros anos de vida acometendo cerca de cinco em cada dez mil nascidos e em quatro casos confirmados, três são do sexo masculino e um caso para o sexo feminino. Foi realizada uma pesquisa bibliográfica abrangendo leitura, análise, interpretação de livros e artigos sobre o tema e, em seguida relata uma experiência na aplicabilidade do método com alunos da Escola Municipal Bernardo Venâncio de Carvalho. Para finalizar o trabalho será demonstrado uma tabela com os resultados obtidos, exemplos de atividades do método, bem como a importância dos processos alternativos de alfabetização citada em toda a bibliografia pesquisada.

PALAVRAS-CHAVE: Educação Especial. Autismo. Métodos de Alfabetização. Práticas Alternativas.

ABSTRACT

This article reports on significant learning experiences, especially how to teach an autistic child to read and write. Autism is considered a developmental delay that involves several symptoms. This disorder compromises the entire psychoneurological development and lasts for a lifetime, evolving with age. This alteration affects the person's ability to communicate, establish relationships and respond appropriately to the environment in which they live, it is disabling and appears in the first three years of life, affecting about five in every ten thousand births and in four confirmed cases, three are from the male and one case for female. A bibliographic research was carried out covering reading, analysis, interpretation of books and articles on the subject and then reports an experience in the applicability of the method with students from the Bernardo Venâncio de Carvalho Municipal School. To finish the work, a table with results obtained, examples of activities of the method, as well as the importance of alternative literacy processes cited in all the researched bibliography.

KEYWORDS: Special Education. Autism. Literacy Methods. Alternative Practices.

¹ Mestranda em Ciências da Educação pela ACU – Absolute Christian University; Licenciada e Pedagogia (FACINTER - Faculdade Internacional de Curitiba); Especialista em Psicopedagogia (FIC – Faculdades Integradas de Cuiabá). **E-mail:** veraanderle@hotmail.com | **Currículo Lattes:** lattes.cnpq.br/9891214559841718

INTRODUÇÃO

O autismo é considerado um atraso de desenvolvimento, ou um tipo de síndrome, que envolve vários sintomas. Esse transtorno compromete todo o desenvolvimento psiconeurológico e prolonga-se por toda vida, evoluindo com a idade. Esta alteração afeta a capacidade da pessoa comunicar-se, estabelecer relacionamentos e responder apropriadamente ao ambiente em que convive, é incapacitante e aparece nos três primeiros anos de vida acometendo cerca de cinco em cada dez mil nascidos e em quatro casos confirmados, três são do sexo masculino e um caso para o sexo feminino.

A alfabetização é um processo árduo mas gratificante, porém, para alfabetizar uma criança autista é preciso elaborar um cronograma educacional específico para cada caso, levando em consideração potencialidades e limites. A alfabetização torna-se extremamente difícil, neste plano devem ser incluídas aulas de músicas, artes, culinárias e todas as atividades que possam tornar o indivíduo mais independente e autônomo. Terapias comportamentais podem ajudar crianças autistas com maior grau de comprometimento a lidar com as estereotípias em casa e na escola. A linguagem de sinais, às vezes, é utilizada para a comunicação com crianças não verbais, embora seus benefícios sejam desconhecidos.

Quanto a aprendizagem e potencialidades do aluno com TEA, em razão às características próprias, o processo de aprendizagem requer um período maior, sendo assim tem-se de pensar em intervenções que contemplem novos olhares, novas formas de escuta, novos planejamentos e estratégias de ensino-aprendizagem para esses educandos.

A temática é importante, pois, o processo de alfabetização em si já é um processo desafiador, no qual o aluno passa por experiências e supera as limitações próprias do aprendizado. Com as crianças do espectro autista, esse processo acontece de modo diferenciado e

a falta de suporte legal e pedagógico dificulta o desenvolvimento deste.

Este estudo optou então em apostar numa nova metodologia de alfabetização e, sobre essa metodologia estaremos discorrendo na sequência.

O presente estudo tem como finalidade a socialização de experiências vivenciadas na Sala de Recursos Multifuncionais – AEE (Atendimento Educacional Especializado) de alunos com Transtorno do Espectro Autista (TEA) que entraram em contato com a alfabetização e obtiveram progressos, elevando dessa forma a autoestima dos mesmos e da família.

REFERENCIAL TEÓRICO

O autismo é fundamentalmente uma forma particular de se situar no mundo e, portanto, de se construir uma realidade para si mesmo. Associado ou não a causas orgânicas, o autismo é reconhecível pelos sintomas que impedem ou dificultam seriamente o processo de entrada na linguagem para uma criança, a comunicação e o laço social (MENDES, 2016).

Mendes (2016) nos passa que as estereotípias, as ecolalias, a ausência de linguagem, os solilóquios, a autoagressividade, a insensibilidade à dor ou a falta de sensação de perigo, são alguns dos sintomas que mostram o isolamento da criança ou do adulto em relação ao mundo que o rodeia e sua tendência a bastar-se a si mesmo. O autismo é uma condição permanente, a criança nasce com autismo e torna-se um adulto com autismo. Assim como qualquer ser humano, cada pessoa com autismo é única e todas podem aprender.

Segundo Mize (2018), as pessoas com autismo podem ter alguma forma de sensibilidade sensorial. Isto pode ocorrer em um ou em mais dos cinco sentidos – visão, audição, olfato, tato e paladar – que podem ser mais ou menos intensificados. Por exemplo, uma pessoa com autismo pode achar determinados sons de fundo, que outras pessoas ignorariam, insuportavelmente

barulhentos. Isto pode causar ansiedade ou mesmo dor física.

De acordo com a mesma autora, alguns indivíduos que são subsensíveis podem não sentir dor ou temperaturas extremas. Algumas podem balançar rodar ou agitar as mãos para criar sensação, ou para ajudar com o balanço e postura ou para lidar com o stress ou ainda, para demonstrar alegria.

Segundo a autora, as pessoas com sensibilidade sensorial podem ter mais dificuldade no conhecimento adequado de seu próprio corpo. Consciência corporal é a forma como o corpo se comunica consigo mesmo ou com o meio. Um bom desenvolvimento do esquema corporal pressupõe uma boa evolução da motricidade, das percepções espaciais e temporais, e da afetividade.

De acordo com Ferreira (2017), é fundamental que o diagnóstico seja feito por profissionais da área clínica que tenham conhecimento sobre o autismo, feito através de observação direta do comportamento e de uma entrevista com os pais ou responsáveis.

“O autismo exige um diagnóstico e uma intervenção o mais rápido possível, única maneira de reduzir a probabilidade de cronificação. A intervenção precoce no quadro de autismo não só aumenta as possibilidades de tratamento, como ainda minimiza alguns sintomas experimentados pelos pais, agravados com o passar do tempo: depressão, perda da capacidade tanto de supor um sujeito na criança quanto de revelar-se como faltante, e, por fim, a impossibilidade de impor “nãos” a esta criança” (FERREIRA, 2017).

Segundo Sales (2016) o tratamento do autismo envolve intervenções psicoeducacionais, orientação familiar, desenvolvimento da linguagem e/ou comunicação. Um programa de tratamento precoce, intensivo e apropriado melhora muito a perspectiva de crianças pequenas com autismo. A maioria dos programas aumentará os interesses da criança com uma programação altamente estruturada de atividades construtivas.

Os recursos visuais geralmente são úteis. O recomendado é que uma equipe multidisciplinar avalie e desenvolva um programa de intervenção orientado a satisfazer as necessidades particulares a cada indivíduo. Dentre alguns profissionais que podem ser necessários, podemos citar: psiquiatras, psicólogos, fonoaudiólogos, terapeutas ocupacionais, fisioterapeutas e educadores físicos.

DESENVOLVIMENTO

Pessoas com autismo são pensadores visuais. Seus pensamentos são concretos, transformando as imagens em objetos mentais. Em consequência dessa forma de ser, possuem dificuldades em seguir ordens complexas com mais de uma instrução, imaginar conceitos abstratos como saudade, tristeza, preocupação, raiva, amor, etc., colocar-se no lugar do outro e entender sua intenção, e aprender usando os meios usuais de ensino. Por outro lado, possuem facilidade com mesmice e rotinas, conteúdos que podem ser aprendidos visualmente e memorização (STELA, RIBEIRO, 2018).

Segundo Sales (2016) as crianças autistas têm um repertório muito limitado de comportamento, ou seja, fazem realmente poucas coisas. Isso sem dúvida é um dos motivos que leva as dificuldades de aprendizagem. Algumas delas são:

Dificuldade de atenção: algumas crianças são incapazes de se concentrar, mesmo por poucos segundos. Para superar esta dificuldade, é necessário planejar situações de ensino estruturadas, dividindo em pequenos passos e metas o que elas devem aprender. Também possuem dificuldades em reconhecer a relação espaço-temporal entre acontecimentos que se inscrevem dentro da mesma modalidade sensorial.

Dificuldades de raciocínio: muitas vezes elas aprendem mecanicamente, sem compreender a essência ou significado do que queremos que aprendam. O planejamento de tarefas pode evitar essa

mecanização, acentuando o que realmente é significativo para elas. Dificuldade de aceitação dos erros: frequentemente deixam de responder às chamadas de atenção e ordens, baixando o nível de atenção. Dessa forma, a aprendizagem não se produz. Para que isso não ocorra é preciso habituá-los a adaptarem-se a situações cada vez menos gratificantes.

Algumas estratégias podem ser utilizadas no dia-a-dia para solucionar esses problemas, tais como: criar situações de faz-de-conta que despertem o interesse da criança; usar bonecos para representar a família; criar soluções simbólicas para ajudar a resolver os problemas; encorajar a investigar pistas e sinais; e modelar/mediar uma sequência do que se deve fazer; introduzir palavras que a criança se interesse para que, posteriormente, ela possa construir frases com elas (ERVALHO, 2018).

Os educadores devem desenvolver um programa de educação individualizado para focalizar nos problemas específicos da criança. Isto inclui terapia de fala e do idioma, e também habilidades sociais e treinamento de habilidades cotidianas. Eles devem elaborar estratégias para que essas crianças consigam desenvolver capacidades de poderem se integrar com as outras crianças ditas “normais” (LAMAR, VALENZA, NASCIMENTO, 2021).

Proporcionar às crianças com autismo oportunidades de conviver com outras da mesma faixa etária possibilita o estímulo às suas capacidades interativas, impedindo o isolamento contínuo. Além disso, as habilidades sociais são passíveis de serem adquiridas pelas trocas que acontecem no processo de aprendizagem social. Entretanto, esse processo requer respeito às singularidades de cada criança. As crianças com desenvolvimento típico fornecem, entre outros aspectos, modelos de interação para as crianças com autismo, ainda que a compreensão social destas últimas seja difícil (LAMAR, VALENZA, NASCIMENTO, 2021).

Segundo Costa Filho (2020) muitas crianças autistas com severas dificuldades de aprendizado estão

em estabelecimentos em que suas necessidades não são reconhecidas e onde elas causam consideráveis problemas de manejo ao professor e à sala. Nestes casos, a melhor solução é o encaminhamento para um atendimento especializado.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

O método escolhido para ser trabalho foi o “Desafios do Aprender – Alfabetização”, criado pela professora Cláudia Mara da Silva, com objetivo de ajudar alunos que possuem dificuldades de aprendizagem ou deficiência intelectual. Tendo como base o Método Fônico e o Método Sodrê de alfabetização, sendo que o que o diferencia do Método Fônico tradicional é que esta proposta aborda o som das sílabas e não os da letra isoladamente.

A professora-autora do método (SILVA, 2010, p.1) enfatiza pontos importantes do desenvolvimento da proposta, os quais devem ser obedecidos para que o resultado seja positivo:

- Seguir os passos indicados na proposta para que a apropriação da leitura e da escrita aconteça de forma simples e objetiva.
- O material de apoio é muito importante para o manuseio do aluno e serve também para a atuação do professor, enriquecendo sua prática.
- Todo material tem como base a proposta de alfabetização silábica diferenciada, portanto deve ser manuseado diariamente, pelos alunos e seu professor.
- A seleção e a organização das atividades propostas seguem os princípios da alfabetização silábica, isto é, enfatiza a sílaba e não o nome da letra.
- As atividades que o material propõe são desafiadoras, porém simples e objetivas de fácil entendimento.
- A avaliação deve ser diagnóstica e processual, acontecendo com a prática dos jogos, dos exercícios e do preenchimento das atividades da apostila.

Os materiais utilizados para alfabetização a partir desse método são diversos, todos com objetivo de levar à memorização das sílabas do alfabeto e a posterior junção das mesmas, originando as palavras.

A professora apresenta aos alunos um painel amarelo contendo placas quadradas brancas, com as sílabas digitadas em “caixa alta” pretas, do alfabeto formadas pelas consoantes e a vogal “A”: A, BA, CA, DA, FA, GA, JA, LA, MA, NA, PA, QUA, RA, SA, TA, VA, XA e ZA. As sílabas HA, KA E WA não são trabalhadas nesse momento.

Primeiramente a professora apresenta as sílabas às crianças; posteriormente pede para que os alunos ouçam (ao mesmo tempo aponta para a sílaba a ser soletrada a fim de chamar a atenção para a visão ao mesmo tempo da audição da sílaba) e depois que repitam a sílaba falada/mostrada. Esse passo é feito várias vezes, podendo ser alternado indo do final ao início da “tabela”: ZA, XA, VA, TA, SA, RA (...) Na sequência acrescenta gravuras ao painel, cujas sílabas iniciais sejam as mesmas da escrita.

Após acrescentar as figuras, a professora deverá dizer: - “A” de ABELHA/ “BA” DE BANANA/ “CA” DE CASA.... Da mesma maneira que a “leitura” anterior, os alunos deverão primeiro escutar a professora e depois falar/ler. Esse passo também é feito várias vezes para fixação som/imagem. Depois de o grupo realizar a “leitura”, deve-se passar para a leitura individual, sendo que a professora deve sempre incentivar o aluno a repetir e ao mesmo tempo olhar para a palavra.

Seguindo a oralidade, vem a escrita que deve ser feita no caderno pautado com exercícios que retomem ao que foi trabalhado oralmente. Apesar da leitura ser de todas as sílabas do painel, a escrita deve obedecer a sequência, tomando o cuidado de trabalhar apenas a escrita de uma sílaba por dia para garantir a fixação e não confundir o aluno. Outro cuidado nesse ponto do trabalho é buscar palavras/figuras com a vogal “A”: casa, pata, gata, sapa, salada, jaca, faca e assim por diante. O próximo passo é aplicar um jogo que contenha

as palavras/sílabas trabalhadas, como o dominó silábico, o bingo, o “saco surpresa”, etc. A partir desse passo, a professora deve utilizar-se da sua criatividade e atendendo as necessidades dos alunos.

Quando os alunos já tiverem dominado a leitura e a escrita das palavras formadas com sílabas simples com a vogal A, o próximo passo é trabalhar as sílabas da vogal “O” unidas às consoantes: O, BO, CO, DO, FO, GO, JO, LO, MO, NO, PO, QUO, RO, SO, TO, VO, XO, ZO. É importante repetir todos os passos que foram feitos na primeira fase do método, ou seja: trabalhar palavras/figuras formadas somente com a vogal “O” como: BOLO, CÔCO, SOCO, VOVÔ, ZORRO; no entanto como os alunos já compreenderam/memorizaram a formação das sílabas com a vogal “A”, pode-se misturá-las a este segundo momento: BOLA, BOCA, CARRO, FOCA, GOMA, ROCA, MACACO; ao misturar sílabas com “A” e com “O” o vocabulário de leitura e de escrita do aluno será ampliado, bem como se dará a noção de que as palavras são formadas por diferentes sílabas que são compostas por várias consoantes e vogais.

No terceiro passo, trabalham-se as consoantes unidas com a vogal “U”: U, BU, CU, DU, FU, GU, JU. LU, UM, NU, PU, RU, SU, TU, VU, XU, ZU; obedecendo a sequência dada no 1º e no 2º passo: primeiro trabalham-se as sílabas, depois palavras, frases, pequeno texto, não deixando de enfatizar sempre oral x visual, aliado a jogos prazerosos com as palavras que estão sendo trabalhadas.

Para o 4º e 5º passos, respectivamente, ficam para serem trabalhadas as vogais “E” e “I”, devido as variações que as mesmas têm na Língua Portuguesa, onde a leitura do “CE” é “SE” e não “QUE”, o mesmo com o CI, com o GE, e com o GI. Uma vez que os métodos tradicionais não deram conta de alfabetizar tais crianças com dificuldades de aprendizagem, esta sequência silábica das vogais (A, O, U, E, I) foi estabelecida pelo fato de se respeitar a maturidade cognitiva dos alunos (SILVA, 2010).

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Iniciou-se a aplicação do método em 08 de fevereiro de 2022, em uma sala composta por 8 alunos, sendo 1 com diagnóstico de autismo com deficiência intelectual (DI) e não verbal e 7 com autismo leve a moderado. Já havia trabalhado em um ano anterior com tais alunos, sendo que os métodos utilizados foram os do construtivismo, os fonéticos e sintéticos; sem ter grandes ganhos. O máximo que os alunos conseguiam realmente aprender era a escrita/reconhecimento do seu nome, sem responder oralmente ao solicitado.

Passei a fazer muitos cartazes - com parte escrita e com figuras - com tudo o que vou ler para eles, temos a chamada com os nomes de todos da sala - inclusive da professora - que quando alguém não está, o nome em questão é coberto com uma tarja de EVA preto; o cantinho dos jogos com uma mesa única - onde jogamos bingo, corrida de sílaba, dominó de sílabas, quebra-cabeças, etc.; o cantinho de ciências onde fazemos e colocamos nossas experimentações e o cantinho da leitura, onde faço a leitura de um livro de literatura infantil e após proponho vários trabalhos relacionados ao mesmo. Na escolha do livro levo em conta a fase inicial do método utilizado, por exemplo: "A Abelha Abelhuda" de Heliana Barriga, que após fizemos a abelha com rolinho de papel higiênico e palito.

Com a aplicação deste Método, a partir do momento em que o aluno compreende/memoriza o A, BA, CA, DA, FA, GA, JÁ, LA, MA, NA, PA, QUA, RA, SA, TA, VA, XA e ZA; ele passa a ler BALA, FADA, FACA, SAPA, BANANA, MACACA, SALADA e a escrita ditada ocorre por sílabas e não por sequência de letras, ou seja não ocorre o tradicional B + A = BA, esse B+A, some (visto que em momento algum o professor fala letras soltas) e o aluno já lê "BA", assim como falamos e lemos. Foram analisados 8 alunos com idade cronológica de 08 e 11 anos.

A situação de alfabetização anterior à aplicação do Método era a seguinte:

ALUNOS DA TURMA	QUANT.
Conhecem todas as letras do Alfabeto	02
Leem palavras simples	02
Escrevem palavras simples trabalhadas	02
Escrevem palavras simples ditadas	02
Leem frases simples	00
Escrevem frases simples	00

A duração da aplicação do Método foi de 4 meses, sendo que a leitura do quadro silábico exposto em sala era feita diariamente; a aplicação multissensorial (ler, falar e escrever) era feita em 3 dias da semana, com duração aproximada de 2 horas diárias. O resultado obtido após esses 4 meses foi o seguinte:

ALUNOS DA TURMA	QUANT.	PERCENTUAL
Conhecem todas as letras do Alfabeto	07	75%
Leem palavras simples	07	75%
Escrevem palavras simples trabalhadas	07	75%
Escrevem palavras simples ditadas	07	75%
Leem frases simples	04	50%
Escrevem frases simples	04	50%

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A síndrome do autismo pode ser encontrada em todo o mundo e em famílias de qualquer configuração racial, étnica e social. Os autistas apresentam comprometimentos em três importantes domínios do desenvolvimento humano: a comunicação, a sociabilização e a imaginação.

Trabalhar a inclusão traz contribuições não apenas para os portadores do autismo, mas

principalmente para as instituições escolares, uma vez que oferecem ajuda e um trabalho coletivo que prioriza o ensino e interação dos professores com seus alunos, com métodos que facilitam e permitem que as crianças autistas sejam alfabetizadas e realizem suas atividades escolares.

Os professores precisam estar atentos e preparados para receber alunos autistas, uma vez que eles sofrem de distração, dificuldade de seguir sequências, entre outras dificuldades que precisam ser enfrentadas. Métodos testados, comprovados e compartilhados por outros educadores ajudam os demais educadores e lidarem com o autismo, e oferecem maneiras para melhorar as dificuldades encontradas em sala de aula.

Com os conhecimentos de que se dispõem hoje, sabe-se que o tratamento da pessoa com autismo “é uma tarefa de vida” que não se restringe apenas ao portador, mas engloba seus familiares, a escola e demais ambientes da comunidade nos quais vive e atua. Por isso, com a união da família, de profissionais habilitados, de professores e psicopedagogos instruídos, as crianças autistas podem conseguir progressos positivos em suas atividades escolares e particulares.

O método “Desafios do Aprender – Alfabetização” mostrou-se inovador, atrativo e motivador para os alunos e profissionais envolvidos, trazendo novas oportunidades no trabalho com a alfabetização. O resultado obtido em quatro meses de aplicação, foi o suficiente para acreditarmos em sua eficácia. O objetivo é continuar a aplicar o método com os mesmos alunos, de forma a atingir 100% de aproveitamento e aprimorar a aprendizagem daqueles que estão em processo de desenvolvimento.

REFERÊNCIAS

COSTA FILHO, Marcos Aurelio Soares. **Educação inclusiva de alunos com autismo: desafios e perspectivas**. 2020. Tese de Doutorado.

FERREIRA, Mônica Misleide Matias; DE FRANÇA, Aurenia Pereira. O Autismo e as Dificuldades no Processo de Aprendizagem Escolar. **ID on line REVISTA DE PSICOLOGIA**, v. 11, n. 38, p. 507-519, 2017.

LAMAR, Artemes Cristina Pires; VALENZUELA, Robson Canteiro; DOS SANTOS NASCIMENTO, Raquel. AUTISMO: INCLUSÃO DA CRIANÇA AUTISTA NA SALA DE AULA. **Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação**, v. 7, n. 10, p. 1288-1298, 2021.

MENDES, Carla Isabel Álvaro. **Influência da atenção e memória de curta duração na aprendizagem: Estudo de caso com perturbação do espectro autista**. 2016. Tese de Doutorado. Universidade Portucalense (Portugal).

MIZE, Felix. Importância do Acompanhamento Psicológico em Criança Diagnosticada com Autismo em Angola. **Psicologia & Conexões**, v. 1, 2018.

SALES, Rayssa dos Santos. Avaliação da criança autista na perspectiva psicopedagógica. 2016.

SELLA, Ana Carolina; RIBEIRO, Daniela Mendonça. **Análise do comportamento aplicada ao transtorno do espectro autista**. Appris Editora e Livraria Eireli-ME, 2018.

SILVA, Cláudia Mara. **DESAFIOS DO APRENDER – ALFABETIZAÇÃO**. Apostila elaborada pela autora – Curitiba: 2010.